

por via da razão abstrata, alcançar o homem concreto, bem como a seus sofrimentos e a suas angústias concretas.

"Deus foi meu primeiro pensamento; a razão meu segundo; o homem meu terceiro e último". Esta declaração feita por Luiz Feuerbach, pela metade do século XIX, a respeito da evolução de sua mocidade, caracteriza também a evolução percorrida pelos conceitos de toda uma época.

E' outra vez o velho sonho dum mundo redimido que ecoa no lema que aspira à "maior felicidade do maior número". Desta vez, porém, esse sonho de salvação se limita completamente à realidade do homem e a suas necessidades concretas.

Enquanto toda a vida parecia enquadrada num grande conjunto divino, fôra impossível conceber a felicidade de outro modo que não em relação a valores mais elevados e hierarquicamente superiores. Assim é que, no "Philebos" e nas "Leis", ensina Platão que a felicidade consiste no conhecimento do Belo e do Bom. Rejeita a opinião dos que seriam tentados a considerar o bem-estar material do indivíduo ou da coletividade como sendo já a felicidade.

A uma questão dum discípulo se não é o dever do Estado de auxiliar a todos os cidadãos, e até os simples guardiões, oleiros e campônios, a alcançar uma vida agradável e segura, responde êle: "Não nos obrigues a impor tal felicidade aos guardiões! Poderíamos da mesma maneira vestir os campônios de trajes de gala e cobri-los de enfeites de ouro; ou permitir que os oleiros se sentem ao lado de seu tórno, bebendo e banqueteadando-se em redor do fogo. Poderíamos fazer da mesma maneira a felicidade de todos os outros; mas não exijas isso! Porque, se satisfizemos teu pedido, não tardaria que o campônio já não fôsse um campônio, e que o oleiro já não fôsse oleiro; já mais ninguém pertenceria a condição alguma, quando são justamente as diversas condições que formam o Estado".

Segundo a opinião de Platão, não é aos cidadãos individualmente que deve ser dispensada a felicidade e sim ao Estado, por si. Basta que cada um se esforce por se tornar "o melhor mestre do seu ramo". Se, então, o Estado progride, é a natureza que decide, de motu próprio, "o quinhão de felicidade que cabe a cada condição".

Platão, a exemplo da maior parte dos outros pensadores da antiguidade, considera a felicidade como equivalente à "objectivação da alma graças a ações virtuosas", sendo, por consequente, inteiramente alheia a todas as contingências materiais da vida. A posse vale sempre como um simples meio para alcançar a fins transcendentais e nunca como um fim em si.

"A riqueza", está dito num dos diálogos de Platão, "não é, sem dúvida, o bem procurado, visto que serve para coisa bem diferente".



"Harmonia dos interesses".
Caricatura referente às lutas durante as eleições na América-do-Norte, no ano de 1844.